18 de Janeiro de 1920

ANNO IV — N.º 171

O DE AVEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

Portugal e Hespanha, anno 2$000, semestre, 1$00; Colonias portuguezas, 2$500 ou 25000 pagos em Aveiro. Extrangeiro, excepluando Hespanha, 3$000 fortes.

Numero avulso 40 reis

Redacção e administração

Praça Luiz Cypriano—Aveiro

Publicações

No corpo do jornal 300 rs. a linha. Pagina de annuncios 100 rs. a linha. A linha é contada em columna de annuncio.

Composto e impresso na TYPOGRAPHIA NACIONAL (a vapor), R. dos Santos Martyres — AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Educação Nacional

Com muita razão diz Mauricio Bourguin no seu tratado «Os systemas Socialistas e a Evolução Economica» *(Les Systèmes Socialistes et L'Evolution Economique)*:

Pode-se comprehender a inquietação dos espiritos moderados e conservadores perante as transformações tão rapidas da constituição social, perante as agitações do mundo moderno, as deslocações de influencia, os sentimentos novos das classes populares. O contraste é immenso, com effeito, entre o turbilhão confuso das sociedades modernas e a estabilidade do mundo antigo. Ha ahi uma passagem perigosa, onde o homem se arrisca a perder as suas qualidades de outrora sem adquirir as que a sua adaptação ao novo estado social reclama. Mas novas virtudes nascem espontaneamente em reacção contra os perigos que ameaçam a nova organização social. A sociedade, como o organismo, possue os seus meios de defesa.

E' o que Boutmy, aliás citado por Bourguin, diz no seu livro «Elementos d'uma psychologia do povo americano» *(E'léments d'une psychologie du peuple américain)*:

Toda a sociedade occulta forças latentes que não podem ser medidas pelo observador, poderes de reacção contra o mal que se amontoam sob apparencias de apathia e desanimo, germens novos em que forças desconhecidas estão dormitando.

Não sei se é ainda Mauricio Bourguin, se Charles Gide no segundo volume do seu «Curso de Economia Politica» *(Cours d'Economie Politique)*, onde estuda os quatros systemas em que elle, sob o seu ponto de vista, divide o socialismo, quem nos diz que marchar de olhos vendados é correr o risco certo de dar (palavras textuaes) *um grande trambolhão.*

Tudo isto, meus senhores, venho eu dizendo ha muitos annos. Tudo isto! No livro, no jornal, por todos os meios de publicidade. Sem ser Bourguin, sem ser Gide, antes de Bourguin, de Gide, e d'outros o dizerem. Por pura intuição, sem estar a estudar, como elles estudam, as leis scientificas, e a corrente historica das idéas. Sempre eu disse, centenas de vezes tenho dicto, que o erro crasso dos dirigentes d'esta terra, desde a queda do absolutismo, foi destruir a *moral velha* sem crear a *moral nova.* Estas as proprias palavras que tenho empregado. Sempre eu disse que *quem não sabe é como quem não vê.* Se elles destruiram o ambiente de que se alimentava a moral velha e se não souberam crear o ambiente em que se havia de gerar e florescer a moral nova, se elles deixaram, agitando *idéas incomprehensiveis*, que nem mesmo elles comprehendiam, o paiz immerso em trevas, na mais profunda ignorancia, como não havia de degenerar tudo n'uma cegada, n'uma scena reles d'entremez?

Peguem n'uma camponeza, disse eu muitas vezes, venho-o dizendo ha muitos e muitos annos, n'uma camponeza gentil, graciosa, desembaraçada, esbelta, cheia d'encantos no seu meio, e arremessem-n'a para uma sala vestida de senhora. Mataram-n'a. Tornaram-n'a grotesca. A infeliz não sabe onde ha de pôr as mãos e os pés. Para onde ha de voltar os seus olhos e os seus pensamentos.

Peguem n'um aldeão, que seja *um homem*, em toda a extensão da palavra, no seu burgo, ponham-lhe casaca, e mettam-n'o, obrigando-o ás leis da alta roda, n'um salão. Mataram-n'o. Fizeram de um homem um lobo. Um objecto de entrudo.

Um sobrinho de uma fidalga contava-me uma vez uma aventura que ouvira da propria bocca da tia, já decrepita. A fidalga, quando nova, fugira de noite, com o caseiro. Ao saltarem uma valla, este dissera-lhe:

— *Dá cá* a mão.

— *Dá cá?*... replicou a aventureira, ferida no seu orgulho fidalgo.

— Sim, *dá cá.* O **amor não tem senhoria.**

Bravo, exclamei eu interrompendo o sobrinho. Bravo, espirituoso camponio, que tiveste um dicto de homem!

Eis a moral velha. Tinham andado os dois de rebolão pelo curral das vaccas e queria ella que elle lhe désse excellencia. Eis a moral velha. Foi a fidalga que desceu ao curral, não foi o camponio que subiu ao salão. E o camponio no seu meio ficou tal qual era: um homem desembaraçado e *engraçado.* Té mesmo espirituoso. Intelligente e espirituoso.

Agora a inversa.

Tive aqui, na aldeia, onde moro, um rapazote empregado como ajudante dos serviços de escripturação da gazeta. Defronte ha duas camponezas sympathicas, a Joanninha e a Rosita. O rapazote lembrou-se de namorar a Joanninha, e, confessando-lhe o seu amor, escreveu-lhe uma carta. Tratou-a, naturalmente, como é de uso e costume, **delicadamente**, por *menina?* Não, senhores. O parvo alegre, com a mioleira estragada pelas *idéas egualitarias*, deu-lhe... excellencia. O estafermo!

Quando eu o soube, já elle cá não estava. Senão corria-o. Um parvo põe-me os nervos em revolta.

Eis a moral nova. O diabo do rapaz, que era sympathico, com quem eu não embirrava, surgiu, de repente,... um estafermo.

Eis a moral nova. O rapazote nunca tinha posto luvas. Quiz um dia experimenta-las, sem lhes ter apprendido o uso, e appareceu com ellas... nas orelhas.

E' esta a *passagem perigosa*, a que Maurice Bourguin se refere. Aquella... *où l'homme risque de perdre ses qualités d'autre fois sans acquérir celles que réclame son adaption au nouvel état social.* Que não se assustem, nem se aborreçam, que as citações no original é que dão auctoridade, os que não sabem *francês.* Eu já traduzi. Mas traduzo outra vez. Aquella... *em que o homem se arrisca a perder as suas qualidades de outrora sem adquirir as que reclama a sua adptação a um novo estado social.* E' como um patego que vae cheirar ás ondas sem nunca ter visto nem saber o que é o mar. Feliz d'elle, quando fica somente encharcado até os ossos. Ou mesmo quando, perdendo o pé, o mar se diverte a enterrar-lhe, esmurrando-lh'as, as trombas das areias.

Na *passagem perigosa* quem em Portugal inda mais *perdeu o pé* foram justamente os dirigentes. Matatis mutandis, succedeu-lhes como ao parvo alegre da excellencia á Joanninha. Este, julgando que enfiava as luvas nos dedos, enfiou-as, qual bobo, nas orelhas. Aquelles, julgando que adquiriam novas idéas, apenas transformaram os miolos em hemorrhoidas sahidas. Tendo-se invertido tudo n'esta terra, não admira que lhes passasse o ânus para a cabeça.

N'um doloroso espectaculo de esterilidade e impotencia, não fizeram outra coisa que copiar tudo, mas a esmo. Chochos de todo, nem as idéas alheias souberam imitar, já que proprias as não tinham. Vimo-los comer Spencer em sopas ao almoço, com pé de porco ao jantar, e, á laia de chouriço, frito com ovos á ceia. E assim Gustavo Le Bon. E assim Edmundo Demolins. E assim Maurras. E assim todos. Verdadeiros macacos, desnortearam, endoideceram um povo, deshonraram uma raça, n'uma copia, não só despropositada, não só insensata, não só asnatica, mas abjecta, á força de servil. Tudo copiaram estes parvos. Menos a *intelligencia*, menos o *bom senso*, menos o *espirito pratico.* Menos o que, dentro das nossas condições, fosse favoravel a um progresso real, a uma util melhoria, ao desenvolvimento, por trilho positivo e seguro, da nossa infeliz patria.

Pedem-nos um programma! Se nos declararmos conservadores, os *incoyables* chamam-nos jacobinos não mettendo nós no nosso conservantismo o estapafurdio integralismo lusitano. Se nos declararmos *radicaes*, os Batalhas e quejandos chamam-nos, pois que não damos vivas á Russia nem repudiamos o *preconceito da patria*, reaccionarios. Duas correntes, estas, cada qual mais anti-patriotica, cada qual mais contraria á natural evolução das idéas, cada qual mais funesta a Portugal nas circumstancias actuaes, e que, todavia, tem numerosos proselytos, inutil é nega-lo, entre nós. Ambas elles fere Mauricio Bourguin, e muito bem, com as palavras seguintes no livro já citado:

A sociedade do futuro será mais largamente democratica do que a nossa, pois dados os progressos da democracia na ordem politica os progressos da democracia na ordem economica são inevitaveis. A democracia na ordem politica gera a democracia na ordem economica. E' não ter a intelligencia do seu tempo, é fazer do methodo historico um uso incompleto e por consequencia abusivo, isolar-se num culto triste da tradição e dos costumes dos antepassados, é não ter senso historico, renegar todo o movimento do seu seculo, amaldiçoando a soberania do numero, as tendencias para a egualdade e os falsos dogmas de 89, bem que elles tenham adquirido direitos de cidade na historia; é faltar á propria lei de amor do Evangelho, fechar o coração ás aspirações da multidão para uma vida mais alta e um desenvolvimento mais largo da pessoa humana.

O passado teve as suas virtudes e os seus vicios como o presente os tem. O orgulho de raça, o espirito de casta, a violencia das paixões egoistas nos detentores do absoluto poder, a barbaridade dos castigos, o espirito de intriga, os favores iniquos e a corrupção das cortes, nada tinham de mais nobre que a inveja popular, o espirito de seita, a ambição intrigante e a corrupção nas democracias. O sentimento da honra feudal, as virtudes patriarchaes em senhores e servos não tinham um valor mais elevado do que o sentimento da independencia e da dignidade pessoal, do que a piedade fraterna, a dedicação á sciencia, a actividade generosa despendida no serviço da causa popular. A democracia tem as suas fraquezas, porque é humana, mas tambem tem a sua grandeza. E' preciso acolhe-la sem opinião antecipada e sem receios; é preciso ama la e sauda-la com alegria, porque é ella que, n'um estado de alta civilisação, melhor multiplica os valores individuaes e melhor realiza a maior somma de felicidade para o maior numero.

E' este o terreno em que, segundo o meu modo de ver, — e eu defenderei mais largamente a democracia, dos ataques dos seus inimigos figadaes, o integralismo e o syndicalismo revolucionario, n'um dos artigos immediatos,—é este o terreno em que se deve collocar a *Liga de Educação Nacional.* Partidaria decidida das aspirações populares a um melhor estado social, tendendo sempre á elevação do povo, com o culto da justiça e da verdade, com o fervor do ideal, mas inteiramente adversa á *dictadura do proletariado*, que é a tyrannia, que é a destruição de tudo, como adversa a todas as dictaduras, a todas as tyrannias, de homens ou classes, em geral. Mas nacionalista, sem a *demencia do internacionalismo*, como lhe chama Lysis nos seus bellos livros *L'Erreur Française* e *Vers la Démocratie Nouvelle*, antes gritando sempre e cada vez mais: *Viva, viva Portugal!* E' preciso estar louco para não ver, como escreve Lysis, que o **proprio systema economico**, na sua evolução, é **cada vez mais nacional.** A Inglaterra procura *economicamente* vencer os proprios alliados, a França procura tirar para ella *todas as vantagens economicas*, os Estados Unidos procuram *economicamente* **absorver o mundo**, e é n'estas condições que se accentuam e crescem **n'este paiz moribundo**, por um lado os desvarios dos integralistas, rebanto enfermiço dos grotescos *incoyables* da *paole d'honneu*, por outro lado os desvarios communistas, bolchevistas, ultra-revolucionarios.

Viva Portugal! Viva a terra em que nascemos! Viva a nossa raça gloriosa! Não renegamos o noso nome! Não renegamos a nossa historia brilhantissima e immensa, que a não ha, no mundo, mais brilhante nem maior!

E' n'este terreno absolutamente *nacionalista* que ha de manobrar a *Liga de Educação Nacional.* Amando e respeitando a tradição, sem ferir, nem deslenhar, nem ridicularizar as velhas crenças de nos-os paes, mas homens do nosso tempo, dentro das leis positivas e reaes da evolução, em marcha cerrada mas firme na estrada larga de democracia, de coração aberto a todas as idéas grandes e generosas, trabalhando **sem descanço** na obra sublime, pelo lado moral, intellectual e material, da elevação do povo. E' n'esse terreno que nos havemos, nós todos portuguêses, de redimir, de rehabilitar. Pela verdade, pelo justiça, pelo direito e pelo trabalho.

Em todos os paizes, como diz mais Mauricio Bourguin, é:

Preciso contar com as causas possiveis do estacionamento ou regressão. Taes como recrudescencia do espirito de aggressão e de conquista, predominancia do espirito revolucionario sobre o espirito de organisação, odios de raças e classes, conflictos em materia religiosa desviando a attenção dos problemas economicos e absorvendo as actividades, reformas desastradas e precipitadas attingindo nas suas origens a producção, arruinando as finanças publicas, provocando reacções nos meios, de pequena burguezia e até nas classes populares.

Eis, companheiros e amigos, colaboradores da Liga, onde tem estado o nosso mal. Para curar a doença, a primeira condição é conhecer o mal. Mas, como vedes, não ha motivo para que os braços nos caiam inertes e a alma em desmaio, desde que esse mal é commum e o tem sido, em todos os tempos, a todos os povos e sociedades. Mas em todos os povos e sociedades *ha as forças latentes occultas, as poderosas reacções, as virtudes novas, os meios de defesa, como no organismo*, que despercebidamente se formam e congregam, durante a propria tempestade, contra o perigo e contra o mal. Companheiros, amigos, collaboradores e socios da *Liga de Educação Nacional*, só nos resta ir habilmente e rapidamente, que a opportunidade e a hora estão soando já, nos bronzes da historia, ao encontro **d'essas forças occultas, d'essas poderosas reacções, d'essas virtudes novas**, e apprehende-las, e orienta-las, e guia-las.

Vinde, homens de Portugal!

Correi, patriotas!

Pela redempção da nossa Patria, pela democracia, pela gloria da nossa raça.

Viva Portugal!

Homem Christo.

25 de Janeiro

Ao que nos informam, reina grande enthusiasmo entre os republicanos d'esta cidade a favor da festa do proximo domingo. Inda bem. Mais do que nunca essas festas se tornam necessarias. Mais do que nunca é preciso levantar o espirito republicano e democratico. A reacção espreita. Os sem patria espreitam. Ai dos republicanos e da republica, ai dos democratas e da democracia se os seus terriveis inimigos os acham esmorecidos, fracos, desanimados. Os republicanos imperam muito mais pela energia do que pelo numero. E' a sua coragem, é a sua perseverança, é a sua decisão, virtudes supremas em qualquer povo do mundo, que lhe dão aqui o triumpho. Qualidades sempre, em todos os tempos, em todas as raças, em todas as manifestações humanas, indispensaveis para a victoria.

Não se esqueçam, amigos! Ponham de parte rivalidades mesquinhas, sentimentos vis, despeitos miseraveis. Não vão os tempos para isso. Nem isso deu proveito *em tempo nenhum.* A bom entendedor... meia palavra basta. Eu vivo só, entre quatro paredes, isolado. Não obstante, sei... tudo quanto se passa.

Vamos. Adeante. E' preciso honrar a cidade e a idéa. E' preciso receber os extranhos **com todas as honras da casa.** *Noblesse oblige*, dizem os francezes. E, tambem, *à tout seigneur, tout honneur.* E é preciso mostrar que a *idéa vive*, n'esta terra, e perdura. E que ha braços para a defender, como boccas para a acclamar.

Faltam só oito dias. Não se descuidem. Esse *descuido*, tão português, é preciso, tambem, que acabe. Dizem-nos que a subscripção deu os melhores resultados. Então agora é applica-la *com habilidade.*

E no domingo escreveremos sobre o assumpto, no domingo, dia das festas, um artigo especial.

Monsanto no Poder

Monsanto nunca deixou de governar. Mas hoje governa *absolutamente.* Por culpa dos democraticos, por culpa dos evolucionistas, dos antigos evolucionistas, por culpa dos *populares*, por culpa de todos, excluindo muito de proposito os infames traidores camachistas. Por culpa da imbecilidade, a mais espantosa imbecilidade que se poderia imaginar, pois já não basta dizer *que se tem visto.* Não. Não é a maior imbecilidade que se tem visto. E' a maior imbecilidade que na imaginação humana, por mais phantasiosa, poderia caber. Por culpa da mais espantosa imbecilidade e da mais espantosa pulhice. Diga-se a verdade até o fim. Diga-se tudo. Não estamos em momento, — cada vez menos, — de meias palavras nem de evasivas. Estamos em momento, — cada vez mais, — das verdades *nuas e cruas.* E de as dizer alto, clamando, não já de azorrague, mas, para abrir de alto abaixo os miseraveis, de machado em punho.

Não são sómente os maiores parvos que a imaginação humana poderia conceber. São tambem os **maiores pulhas** que á luz do dia teem surgido. A imbecilidade não basta para explicar a capitulação, a incoherencia, a baixeza, a desvergonha, que estes **pulhas**, — é o nome, não ha outro, — veem desde Monsanto ostentando com uma indignidade sem limites. Oiçam: **com uma indignidade sem limites!**

Clamaram que o dezembrismo era a maior traição nacional, — **e era**, — da historia portuguêsa. Clamaram que o dezembrismo era a maior traição politica, — e era, — que n'esta politica de bandalhos e de traidores desde a queda de D. Miguel tem apparecido. A maior e **a mais porca**, oiçam lá!, **a mais porca**, que jamais, do meio de tanta porcaria, emergiu. Tratantes que abertamente se dizem monarchicos e que abertamente acceitam cargos de confiança dentro da republica **para assassinar** os republicanos e a republica. Ha um tratante que, dizendo-se republicano, entrega os altos cargos de confiança aos inimigos acerrimos e furiosos da republica. Altos cargos de confiança no militar e no civil. E ha tratantes que, dizendo-se abertamente monarchicos, os acceitam com o proposito deliberado, já, de atraiçoar a republica. A mais descarada e a mais revoltante das felonias! Ha um tratante que, dizendo-se republicano, para liquidar **a tiro**, e por meio de vexames e de perseguições sem nome, os republicanos, chama, dando-lhes as forças que derivavam do regimen e que o tratante usurpara n'um acto de rebellião feliz, os monarchicos em seu auxilio. E os monarchicos acceitam esse papel! Não só da mais revoltante felonia senão tambem da mais insigne e nojenta covardia!

Clamavam, pois, e bem, que o dezembrismo era a maior traição nacional e a maior traição politica. Clamavam tambem, e ainda com razão, que era a maior das tyrannias. E entregam o poder sobre Monsanto ao sr. José Relvas que **tinha pedido uma estatua para o auctor de tudo isso!** E deixam entrar no ministerio, no mesmo ministerio, um bandalho, que lá volta agora coberto de escarros, **que para o mesmo auctor a mesma estatua pedira!**

Os partidos republicanos não davam provas, n'essa hora, sómente de uma imbecilidade sem limites. Iam mais longe. Desciam, elles **que já eram partidos sem honra**, o ultimo degrau da desvergonha. Afundavam-se em ignominia.

Não me invoquem, como pretexto, a razão da *prudencia.* Não me venham dizer que os partidos republicanos se sentiam fracos, ainda, n'esse momento, para energicamente proceder. O que lhes faltou, como sempre, foi, aos que estavam a dirigi-los, o conhecimento da **força das idéas**, que n'esse proprio instante se demonstrara invencivel. O que lhes faltou, como sempre, foi o conhecimento da alma republicana, que n'esse proprio instante se demonstrara **capaz de todos os heroismos.** O que lhes faltou foi **a visão**, que dá o talento, a **decisão**, que dá a consciencia do meio e de si mesmo. Mediocres! Gralhas com pennas de pavão! A impotencia de aguias e a rastejar por onde o sapo traz a barriga!

Mas quando tudo fosse assim, ainda uma razão suprema existia para assim não proceder. *Perca-se tudo, menos a honra. Mais vale morte que má sorte.* Este adagio é de todos os povos e de todos os tempos. A sua generalidade e a sua immortalidade provam bem quanto encerram de verdade e de justiça. Francisco I perdeu pela sua incapacidade, ou, se quizerem, pela sua imprudencia, a batalha de Pavia. Foi um tremendo desastre para a França. Comtudo a França perdoou-lhe esse desastre, comtudo a historia esqueceu-se da sua incapacidade e da sua imprudencia, para só se lembrar da maneira por que elle sustentou o cavalheirismo da sua raça e a honra do seu povo. A lenda até tornou mais bella a sua phrase magnifica. Attribue-se-lhe esta phrase na celebre carta a sua mãe: *Tout est perdu, fors l'honneur.* «Perdeu-se tudo, salvo a honra». Quando a verdade é que a phrase é esta: *De toute chose ne m'est demeuré que l'honneur et la vie, qui est sauve.* «De tudo só me resta a honra e a vida, que se salvou». Os povos viveram sempre mais, e hão de viver, do coração que da algibeira. Tendo-se affirmado *com inteira justiça* que o dezembrismo constituira uma *traição nacional* e uma *traição republicana*, pelos principios mais elementares do decoro, da vergonha, não podiam os que o affirmavam, *desse por onde désse*, e logo no dia seguinte ao de Monsanto, transigir com elle. Mas os miseraveis não transigiram. Abdicaram, capitularam, commettendo, por seu turno, com um impudor de que se sentiria envergonhada uma rameira, uma novissima traição.

Ir buscar para presidente do ministerio o sr. José Relvas, e para formar parte do mesmo o bandido Jorge Nunes, ambos signatarios da singularissima circular em que Sidonio Paes era celebrado como **heroe e benemerito**, não foi transigir. Foi abdicar, foi capitular, foi commetter, de todas as traições de que vinha sendo victima a alma simples dos valentes e desinteressados defensores da republica, a mais asquerosa, a mais criminosa, e, para a vida do regimen, **a mais funesta d'ellas todas.** Sim, imbecis, sim pulhas, para a vida do regimen **a mais funesta d'ellas todas.** Porque as outras provocavam *reacções* e estas, digo **estas** porque desde esse dia multiplicaram-se mais do que as ortigas em terra brava, e estas provocavam depressões. Porque as outras provocavam gritos de raiva, juramentos de desforra, protestos de vingança. E estas lagrimas de dôr, lamentos de desanimo, palavras e gestos de descrença e de tristeza. Porque as outras *moralizavam.* A traição, no inicio, emquanto não matou a fé, moraliza o luctador. E estas *desmoralizavam*, porque o maior veneno para as almas é a traição *do que combatia o traidor*, é a traição generalizada, é a traição repetida. Miseraveis, que não sei que mais admirar, se a vossa imbecilidade sem egual, se a vossa pulhice sem limites. Raça de pulhas, recua de parvos, que tendes sido a serpe maldicta a ejacular peçonha na alma deste povo infeliz.

A indignação que me invade, e a colera, quando recordo todo o meu esforço perdido! Leio agora mesmo, n'um semanario de provincia, *A Plebe*, creio que transcripto da *Monarchia*, o seguinte:

D. Manuel de Bragança affirmou á Junta do Integralismo Lusitano:

Que Paiva Conceiro tem sido um joguete nas mãos dos governos hespanhois, interessados na nossa desordem interna. A influencias de Espanha attribue as recentes inconfidencias diplomaticas de E. as Moniz e Cunha e Costa, publicando documentos de caracter reservado dos aliados. Recorda a estada de Egas Moniz em Madrid, no seu regresso do lugar de presidente da delegação portuguesa á Conferencia da Paz, dizendo que na ultimente nessa occasião se teriam exercido sobre esse politico aquelas influencias das esferas e panhoes, de que resultaria o caracter contrario ao interesse dos aliados. **Sabe que a Espanha trabalha activamente para conseguir da Sociedade das Nações um mandato de intervenção em Portugal.**

E' assim mesmo, positivamente assim. Quero dizer, na parte que eu conheço, as affirmações do Senhor D. Manuel correspondem á verdade e á justiça. Os

factos e o tempo sempre confirmando o que eu digo. Eu vou falando, eu vou dizendo, eu vou prevendo, ou no meio da indifferença geral, ou vivamente desmentido por estes pulhas. Mas, de repente, tudo surge como eu dizia. Aqui affirmei que Paiva Couceiro era um bandido. E o tempo e os factos demonstraram que, com effeito, era um bandido. Aqui affirmei que Paiva Couceiro era um traidor. E o tempo e os factos demonstraram que, com effeito, era um traidor. Aqui affirmei que o Senhor D. Manuel, o proprio Senhor D. Manuel, o tinha n'essa conta, e que dizia aos seus amigos que se Couceiro não mudasse de rumo o expulsaria, publicamente, do partido monarchico como traidor. Veio desmentir-me com *energia* e com *entono*, no *Diario Nacional*, o famigerado Annibal Soares, o tartufo. E o tempo e os factos demonstraram que, com effeito, era eu que estava na razão e na verdade, como se tem visto das revelações que trouxe a lume o incidente entre o Senhor D. Manuel e o integralismo lusitano. Aqui affirmei que a Hespanha, combatendo a historia da *harmonia iberica* em artigos successivos, só nos queria absorver. Aqui sustentei com vehemencia que era necessario que sahissemos, para contraminar os enredos da Hespanha, da guerra com prestigio. A Hespanha era para mim, como se viu, justamente um dos motivos da nossa intervenção armada no tremendo conflicto. A Hespanha commettera o *erro* de ficar neutral. Era necessario que tirassemos todas *as vantagens* d'esse erro. E assim succederia se isto fosse um paiz de homens, em vez de ser, como é, um paiz de *grandes bestas*. Paiz de homens, seriamos nós, que não a Hespanha, quem ficaria em situação preponderante na Peninsula. Pois as bestas que nos dirigem tiveram a suprema habilidade de tecer as coisas de tal forma que nós é que ficámos por baixo e a Hespanha é que ficou por cima! Incomparaveis, de estupidez!

Todos estes cavallos apregoaram, extasiados, o *oiro* que entrou na Hespanha. Todos estes cavallos exaltam a *valorisação* do dinheiro hespanhol e a *desvalorização* do dinheiro português. Estes cavallos, que, com a Intellectualidade Brito Camacho á frente, attribuem esses factos á circumstancia da Hespanha ter ficado neutral e nós termos entrado na guerra. Mas eu, n'um instante, se elles querem, n'um decreto com meia duzia de linhas, faço subir o valor da moeda portuguêsa acima do valor da moeda hespanhola, e entrar mais oiro em Portugal do que todo o oiro que está entrando na Hespanha. E ainda ficarei com um pouco d'elle de reserva para derreter, e deitar, derretido, pela bocca abaixo dos traidores. Basta reduzir o nosso dominio colonial ás proporções do dominio colonial de Hespanha.

Uma das nossas superioridades sobre a Hespanha, a quem não temos nada que invejar, são as bellas e ricas possessões ultramarinas que ainda conservamos. Perde-las-iamos, fatalmente, se não temos entrado na guerra. Pois bem; o que não perdemos pela força das armas podemos perde-lo trocando-o a dinheiro. E fica provado que *arranjámos* **mais oiro** com entrar na guerra, e **valorizámos mais a nossa moeda**, do que a Hespanha não entrando. Quereis, miseraveis?

Com clareza e precisão, com absoluta nitidez eu desenhei aqui a situação de Portugal tanto na politica interna como externa em face do grande conflicto europeu. Tudo por mim foi previsto, até a *poussée* socialista, que eu dei como certa quando todos a negavam. Baldado esforço! Todos os esforços intelligentes são inuteis em Portugal.

Na politica interna, cada vez se accentuou mais a vergonhosissima traição. A traição e a crapula, de que todos foram cumplices, de que nenhum partido se salvou, Até darem a restauração de Monsanto no poder, aliás na logica da infamia desde a primeira hora! Este era o corollario fatal de toda a serie de attentados e vergonhas que se vinha executando ha um anno. E ainda agora de uma inepcia, **em todos**, e de uma indignidade que faz nauseas. O ministerio Sá Cardoso cahiu *sem nenhum motivo constitucional*. Sem nenhuma *razão justificavel*. D'elle faziam parte *todos os chefes* das varias facções em que se dividia e se divide o partido democratico. E todos elles provaram mais uma vez a sua incapacidade. *Nunca* um governo cahiu no proprio dia da sua recomposição tendo a confiança do presidente da republica e maioria parlamentar, só porque meia duzia de bestas puseram as mãos no chão e desataram a dar-lhe coices em plena camara dos deputados. Quem escreve estas linhas, que nunca se sentiu bem senão quando viu Portugal inteiro contra elle, que nunca dobrou a cerviz nem quando as quadrilhas todas juntas lhe davam caça como a uma fera perigosa, julgar-se-hia o ultimo dos imbecis e dos covardes se, com confiança do presidente da republica e tendo maioria nas duas camaras, **fugisse**, e no proprio dia em que se apresentasse com um ministerio reconstituido sobre uma crise demorada, deante de duas, três ou quatro duzias de pulhas, que o insultassem. Vergonha das vergonhas! Os marechaes democraticos deram a ultima prova da sua incapacidade.

O sr. Sá Cardoso **fugiu**. Este é o facto. E' um homem honesto, é um homem sério, é um homem bem intencionado. Mas sem qualidades de acção e de combate. O seu dever, mesmo por dignidade do poder, mesmo por dignidade parlamentar, mesmo por disciplina social e partidaria, não era fugir, **era ficar**.

Quanto aos grupos da opposição, o socialista não se discute, desde que consagrou gatunos como Dias da Silva e traidores como Ladislau Batalha. O regenerador-liberal, esse estava no seu papel. Que analysaremos largamente n'um artigo immediato. Mas o *popular*? Que interesse tinha ou podia ter esse grupo em derribar os democraticos? Que interesse tinha ou podia ter esse grupo em que o governo fosse entregue aos regeneradores liberaes, e sendo certo que essa solução era mais do que provavel desde que cahissem os democraticos? Bastaria que os populares houvessem ficado neutraes na arruaça parlamentar para que a situação mudasse. A attitude dos populares é que *deitou a terra* o governo democratico. A attitude dos populares é que deixou aberta *uma unica solução*: a subida dos monarchicos. Foram elles que deram a ultima palhetada, a derradeira e a decisiva, na restauracão de Monsanto, que desde a queda de Monsanto se preparava. E assim se exauctorou e esbandalhou essa patrulha, que mal tinha iniciado os seus passos. E assim se confirmou mais uma das minhas previsões: que tudo que se organizar com os mesmos homens, dentro dos partidos constituidos, é peor... do que o que estava.

Abysssus abyssum invocat.

SARGENTOS

Recebemos a carta que se segue:

Porto, 8—1—920

Ex.mo Sr.

Um velho amigo e verdadeiro republicano, chamou-me a atenção para o artigo publicado no ultimo numero do jornal "O de Aveiro„ intitulado "Sargentos„ que transcreve uma carta dirigida a V. Ex.a em que me são feitas acusações falsas e calumniosas.

Devo dizer a V. Ex.a que nada percebo acerca do tal castigo de 40 dias de prisão correccional, parecendo-me haver equivoco, talvez propositado do autor da carta; pois que, nada d'isso se deu comigo, seria talvez em setembro de 1918 e não 1919 e com o antigo comandante do R. I. 18, ex-coronel Beça. A carta estabelece confusão. Mistura infantaria 18 com o grupo de metralhadoras; no grupo, recordo-me, que talvez n'esse mez em 1918, estando uma noite os regimentos de prevenção, recebi um telegrama da Divisão ordenando-me mandasse dar entrada imediatamente na Casa de Reclusão a um 2.o sargento, ordem que eu tive que cumprir e para a qual em nada contribui, sendo até para mim surpresa o motivo da prisão, não me constando que fosse punido com prisão correccional, mas sim, que estivera preso até 13 de fevereiro sem que lhe tivessem sido aplicados quaesquer dias de prisão, *x* ou *y*.

E' certo que alguns oficiaes estavam reunidos na sala do oficial de dia em virtude da ordem de prevenção e egualmente presente o sargento que fôra nomeado para o acompanhar, na ocasião em que lhe transmiti a ordem de prisão, perguntando-lhe até se sabia o motivo. Fui portanto completamente alheio ao facto e nem sequer me foi pedida qualquer informação a seu respeito. Será este o caso? E' possivel, mas a esse sargento, que com verdade, nada pode dizer em meu desabono, até lhe concedi licença de 30 ou mais dias, não me recordo ao certo, logo que reassumi o comando em 13 de fevereiro, e a seu pedido; portanto, só me deve considerações e favores, legaes está claro, pois só faço o que é legal e de justiça, como é proprio do meu caracter, cuja rectidão e lealdade V. Ex.a, que foi meu antigo camarada em infantaria 7, deveria ter ocasião de conhecer, até no processo que lhe foi movido pelo comandante do regimento; nos exercicios de quadros em Arganil, quando V. Ex.a era capitão de infantaria 23, as nossas relações de boa e leal camaradagem foram egualmente um facto. Foi pois com a maior estranheza e até desolação, que eu li no jornal de que V. Ex.a é director, não só as referencias ignobeis e caluniosas do seu articulista, mas principalmente, a nota da redacção que ao facto e á minha pessoa tão injusto e incorrectamente se refere.

Foi V. Ex.a certamente mal informado e talvez até não ligando o nome á pessoa e d'ahi, o fazer-me as referencias (baseadas em falsidades de informação) erroneas e injustas. V. Ex.a sem o querer, creio-o bem, é injusto para comigo e presta um mau serviço á Patria e á Republica; V. Ex.a ignora que eu, sendo comandante do 3.o grupo de metralhadoras no periodo que antecedeu o dezembrismo, fui posteriormente á revolução sidonista, deslocado e colocado no Estado Maior da Arma, com residencia obrigatoria em Lisboa, porque dizia alguem d'esta cidade, eu era democratico; ora, era certo que eu tinha sido colocado no comando do grupo pelo Norton de Matos de quem era e sou amigo pessoal desde os bancos da Escola de Guerra; mas, nunca fui democratico ou de qualquer outro partido, e sim simplesmente republicano leal e sincero. Emquanto estive em Lisboa tratei de provar isto, sem de qualquer forma dizer mal dos democraticos, pois isso seria contrario ao meu caracter; e, tendo-a conseguido fui novamente colocado no grupo, onde continuei servindo o melhor que pude a Patria e a Republica, n'um periodo deveras dificil por me achar deslocado, relativamente aos outros camaradas, por ser alheio a habilidades de qualquer especie politica.

V. Ex.a pergunta, referindo-se á minha pessoa, "como é que este homem que foi dos que assignaram a intimação ao *Norte*, se encontra no Porto á frente de um regimento?„ etc., etc. Em primeiro logar devo dizer-lhe, que a parte que tomei n'esse facto foi inteiramente alheia á politica; eu ignorava n'essa epoca e ignorei por muito tempo ainda, as intenções dos meus camaradas comandantes das outras unidades, e fui chamado ao Quartel General, onde me foi narrado por um d'elles que o jornal *O Norte*, cuja politica eu então ignorava, publicara um artigo anti-patriotico e ofensivo da dignidade do exercito, do qual leu alguns pontos em que eram classificados de traidores e cobardes os oficiaes que tão nobremente se estavam sacrificando em França, longe dos seus, em defesa do Direito e da Justiça e por honra da Patria e da Republica.

Ora tal doutrina irritou-me profundamente, pois que, o artigo ferindo a dignidade da colectividade, feria egualmente a da Patria—a que o exercito pertence. Foi n'essa ordem de ideas e como protesto que eu, comandante de unidade, independentemente de qualquer idéa politica, me associei na intimação ao *Norte*, como o faria a qualquer outro jornal que expuzesse tal doutrina. Dir-me-ha V. Ex.a, sim, mas a intenção dos outros signatarios era suprimir um jornal democratico. Seria, agora estou mesmo convencido d'isso, mas não na ocasião, pois estava de boa fé e completamente alheio á traição já então planeada contra a Republica; e, de resto, a supressão foi devida a darem margem a isso, pois, a meu ver, pode e deve fazer-se politica sem ofender o exercito, nem haver quebra de disciplina e desprestigio para a Republica.

V. Ex.a poderá dizer que eu fui muito ingenuo. Efectivamente fui um tonto e, só nos fins do ano é que eu comecei a desconfiar das intensões de alguns camaradas e lhes afirmei, sob palavra de honra, que a solidariedade militar não me obrigaria de forma alguma a ir contra a minha consciencia e trair o juramento á Republica, afirmaram-me elles que nada havia contra a Republica e simplesmente divergencias com o governo d'então.

Explicado o motivo da intimação do *Norte*, passarei a explicar porque me encontro á frente do regimento 18; porque, se melhor o disse melhor o fiz e, fui o unico comandante de unidade da guarnição que não enviou contingente á parada do Monte Pedral e declarou terminantemente no proprio dia 19 de janeiro, que não reconhecia nem acatava a junta governativa provisoria, pelo que, fui destituido do comando, que de resto eu terminantemente resolvera deixar, e mandado recolher a casa, ficando como homenagem na cidade; não me fardando nem entrando em qualquer repartição ou edificio publico, até 13 de fevereiro, em que voltei a comandar o grupo, quando ainda o resultado da contra revolução era duvidoso.

Foi este o motivo porque fui louvado em ordem do exercito por "ter dado um grande exemplo de lealdade e dedicação á Republica„ e proposto sem o solicitar para o comando do regimento, onde me conservo com sacrificio da saude, por julgar poder ser util ás instituições republicanas e á Patria. Só por isso, creia-o V. Ex.a.

Quem assim procede, quem sempre considerou e tratou com as devidas atenções os seus subordinados, oficiaes, sargentos e mais praças, alheando-se por completo á politica e só pensando no cumprimento do dever, parece-me ter jus á consideração geral e á estima dos seus subordinados e, conservar-se superior a quaesquer calunias que vis espiritos lhe queiram assacar. Creia V. Ex.a que o seu jornal presta um mau serviço á Patria e á Republica, dando cabida nas suas colunas a mentiras e calunias que mais contribuem para a desnorteação dos espiritos e indisciplina que lavra na sociedade portugueza e á qual, me pareceu pela leitura que fiz ha pouco do seu livro sobre o bolchevismo, V. Ex.a tentou pôr um dique. Não é deturpando os factos e as intensões, denegrindo caracteres cuja crise é tão grande infelizmente no nosso paiz, adulterando as acções e provocando a indisciplina, que a Republica se dignifica. V. Ex.a sabe-o bem e por isso fazendo apelo á nossa antiga camaradagem, eu espero que V. Ex.a rectifique no proximo numero do seu jornal as falsidades da carta e a sem razão e injustiça do comentario feito, n'ella baseado.

Com toda a consideração

De V. Ex.a
att.o venerador,

Luiz Carolino de Mello Leite Gama Lobo

P. S—Devo dizer a V. Ex.a que nem no regimento nem em parte alguma prohibi a leitura do jornal *O de Aveiro* a qualquer subordinado. Se houver alguem que o afirme tenha a coragem de não se acobertar com o anonimato, que eu o contraditarei.

Luiz Gama Lobo

Effectivamente, não sabiamos que o actual coronel commandante de infanteria 18 era o antigo tenente de infanteria 7, onde eu fui capitão. Passou-nos, primeiro, pela idéa que seria o mesmo, quando foi do caso do *Norte*. Mas, pela natureza d'esse caso, que não abona os creditos de nenhum dos officiaes que n'elle entraram, e sendo a familia Gama Lobo, ou tendo sido, nomerosa—conheci mais de um official com esse nome—afastámos, do espirito, logo, essa idéa.

Sim, senhor, o tenente Gama Lobo era um cavalheiro. Se me lembro d'elle! Sim, senhor, lembro. Sim, senhor, ligo o nome á pessoa. Agora ligo. A minha memoria é admiravel. Parece que o estou a ver, e que estou a ver aquillo tudo, na Cova da Moura, tanto tudo se retrata, fielmente, officiaes, sargentos, cabos, soldados, cornetas, musicos, configuração da casa e do terreno, na minha riquissima memoria. Se o estivesse vendo reproduzido n'uma fita cinematographica, não o veria com mais exactidão, com mais fidelidade.

O tenente Gama Lobo era um cavalheiro. Homem recto e leal. Folgo de o declarar. E tanto mais quanto havia lá tratantes de se lhes tirar o chapéo.

Se eu soubesse de quem se tratava, não seria tão aspero. Mas olhe que a censura era fatal. Não no caso do sargento, que logo me pareceu *trapalhada*. Por isso escrevi, já desconfiando, que *se havia coisa a mais ou a menos no verdadeiro motivo dos 40 dias de prisão, ignorava*. Mas no caso do «Norte», que é indesculpavel. E foi essa má impressão que me levou a acolher a queixa que a proposito do sargento se formulou.

O caso do "Norte„, senhor Gama Lobo, é *indesculpavel*. Tenha paciencia. A sua carta inda mais o compromette. A sua carta *enterra-o*. Eu não quero tirar d'ella todas as illações, nem trata-lo á má cara, senão o meu excellente coronel desapparecia... *pelo chão abaixo*. Para que escreveu tanto? Escrever pouco é que é, meu caro coronel. Isso de escrever muito é para quem é. Escrever pouco, escrever pouco. E' a boa regra.

Então o senhor Gama Lobo é republicano, está no Porto, e ignora a politica do "Norte„? Vossa Excellencia de donde é? Da lua ou da terra?

Pelo visto v. ex.a *nunca* tinha lido o *Norte*. Pelo visto v. ex.a *nem n'esse dia leu o «Norte»*. E pelo visto, emfim, v. ex.a nem lê as ordens do exercito. Já é lêr pouco, caro coronel!

Diz v. ex.a que a doutrina do artigo do *Norte*, que era a minha, pois o artigo era transcripto de *O de Aveiro*, o «irritou profundamente, pois que, ferindo a dignidade da collectividade, feria egualmente a da Patria, a que o exercito pertence». Mas diga-me: e não o irritou profundamente a leitura das ordens do exercito onde eram reintegrados os bandidos que haviam sido abatidos por terem desertado para não irem para a guerra? E onde voltavam ao activo outros que, pelo mesmo motivo de não irem para a guerra, tinham sido reformados? Ou v. ex.a não lê tambem as ordens do exercito?

Esses é que eram os traidores e os covardes que o artigo do *Norte* fulminava. Diz v. ex.a que no quartel general «lhe narrou um camarada de outra unidade que o *Norte* publicava um artigo anti-patriotico do qual leu alguns pontos em que eram classificados de traidores e cobardes os officiaes que tão nobremente se estavam sacrificando em França, longe dos seus, em defeza do Direito e da Justiça e por honra da Patria e da Republica„. Isso é **inteiramente falso**. V. ex.a não podia ouvir tal coisa porque isso **não estava, nem está**, no artigo do *Norte*. O que lá estava e está é **justamente o contrario**. Exalta-se o bom e o patriota e fulmina-se o ruim e o traidor.

Mas se V. Ex.a nunca ouviu dizer que havia officiaes *covardes e traidores*, durante esse periodo da guerra, no exercito? Mas se v. ex.a nunca leu, sequer, as ordens do exercito, em que alguns d'esses pulhas eram reintegrados? Mas se v. ex.a não via o que até *viam* os cegos?

Ora quem lê, vê, ouve tão pouco, e tanto ignora, não pode commandar.

O coronel é o tenente de outrora. Mas com 24 annos por cima soffreu.. os estragos de edade.

E' natural. Quem andou não tem para andar.

Um acto lamentavel

Um amigo pede-nos a publicação da seguinte carta, sob o titulo *Um acto lamentavel*, que o sr. Alberto Lança dirigiu á *Manhã*. Gostosamente o fazemos, já por homenagem ao intrepido official de marinha, nosso muito prezado amigo, Armando Agathão Lança, já para dar relevo, o maximo relevo, a mais um acto infamissimo do banditismo nacional. Reparem os leitores, e para ella vivamente chamamos a sua attenção, na carta que abaixo se lê, do governador civil do Porto. Que criterio! E que repugnante hypocrisia!

Quem é Alberto Cruz? Ninguem sabe! Quem é Armando Agathão Lança? Ninguem o ignora. E' um intrepido official de marinha, um grande patriota, uma bella intelligencia e um nobilissimo caracter. E' um homem que se bateu heroicamente, á frente dos seus marinheiros, derramando o seu sangue, cahindo moribundo, pela republica e pela patria, quando os traidores davam a uma e a outra um vilissimo assalto. Mas o anonymo Alberto Cruz era eleito... *por ser democratico!* E o republicano, e o patriota, e o valente soldado, o destemido marinheiro, o nobre e levantado caracter, de que se devia e deve ufanar uma raça, para sua honra e gloria, lançado á margem por... *ser democratico!*

Eis o banditismo puro! Eis a desgraça nacional! Nada em honra da nação nem em proveito geral. Tudo em honra do bando e em proveito partidario. Os homens de alta estatura, quando não põem a colleira das quadrilhas quando se manteem altivos e dignos, *preteridos* pelos anonymos, os insignificantes, os mais reles quadrilheiros. Para ainda depois virem com as manigancias e as lagrimas de crocodilo com que o ex-governador civil do Porto chora o pontapé applicado no heroico Armando Lança. O estupido governador civil, porque, alem de tudo, aquella carta demonstra quanto o seu signatario é bronco e charro.

Abaixo o banditismo! Fóra os bandidos, que exploram e deshonram a nação!

Eis um acto, contra o qual, se já estivesse constituida, teria energicamente protestado, levando os seus protestos até *onde fosse preciso*, a *Liga de Educação Nacional*. E' servir a educação publica, e servi-la poderosamente, impedir a *todo o transe* que continue o systema degradante, vergonhoso, ignobil, nefasto, dos homens competentes, de valor, de intelligencia, de caracter, e com serviços ao paiz, serem *preteridos*, porque são *altivos e dignos*, pelos... *piolhos partidarios*.

Segue a carta:

Ex.mo Senhor Director de *A Manhã*:

Porque continuo a ser assediado com perguntas sobre a eleição suplementar n'este circulo, venho rogar a V. Ex.a a publicação do seguinte:

——Tendo *A Manhã* de 27 de novembro ultimo feito sob a epigraphe acima, algumas criteriosas e justas considerações sobre a oposição que o Directorio, algumas comissões politicas e diversas entidades do P. R. P. fizeram á eleição para deputado, por este circulo n.o 10, de meu irmão, o tenente de marinha Armando Agatão Lança então, como agora, ausente e em viagem de serviço oficial no "S. Gabriel„, cuja candidatura foi proposta pelos republicanos d'este concelho, sem que meu irmão para isso influisse, antes tendo manifestado anteriormente ao seu embarque a sua relutancia em ser deputado, o Directorio do mesmo partido tentando eximir-se ás responsabilidades que lhe pesam n'esse significativo episodio de politiquice mesquinha, enviou ao jornal que V. Ex.a tão proficientemente dirige a nota oficiosa cujo teor peço licença d'aqui reproduzir.

"A intervenção do Directorio do P. R. P. na eleição suplementar que ultimamente se roalisou no circulo de Penafiel, limitou-se, tão sómente, a sancionar o candidato que as respectivas comissões politicas escolheram, em reunião conjunta e em que apenas houve a divergencia de um voto. Este voto foi emitido pelo delegado do concelho de Baião, que propôs o seu conterraneo e ilustre republicano Agatão Lança, proposta não aceite pelas outras comissões, porque sabiam que ele, se estivesse em Portugal, não aceitaria a candidatura, e se fosse eleito não tomaria assento na camara. Foi esta a declaração que por Agatão Lança, firmando-a sobre palavra de honra, n'um banquete realisado em Baião em sua homenagem, pouco tempo antes das eleições geraes, em virtude das comissões politicas de Penafiel insistirem apesar dos seus repetidos protestos, em o inlcuir na lista, dos candidatos a deputados.„

——Esta nota do Directorio está em flagrante contradição com a verdade. A declaração por meu irmão feita em Baião, no banquete aludido, pouco antes das eleições geraes, foi de que não iria ao parlamento n'essa ocasião, ainda que o elegessem, nem por este nem por qualquer dos outros circulos que lhe haviam sido offerecidos. E uma das rasões d'essa atitude de meu irmão era de ser ineligivel por não ter ainda completado os 25 anos. Estavam presentes os srs. drs. José Domingues dos Santos, Paiva Manso, Julio Gomes dos Santos, alem de algumas dezenas mais de cavalheiros de Baião e de fóra, cujo testemunho é tão digno de credito como o d'aqueles ilustres membros do P. R. P.

E tanto a declaração de meu irmão não foi o que o Directorio pretende, e que não posso imaginar por que via chegou assim adulterada, ao seu conhecimento que, discursando n'um brinde a meu irmão, o sr. dr. José Domingues dos Santos, hoje ministro do Trabalho e ao mesmo tempo governador civil do Porto afirmou que, Armando Lança,—não querendo nem podendo, pela sua falta de edade, ser então eleito, devia sêlo, quizesse ou não quizesse, na primeira eleição. Daí a dias, n'uma reunião efectuada no gabinete do mesmo senhor, no Governo Civil do Porto, ficou assente entre S. Ex.a e os representantes das comissões politicas do circulo, todas democraticas, ao menos em maioria, o compromisso formal de que Armando Lança seria eleito deputado pelo seu circulo na primeira eleição a realisar. Foi este compromisso o principal argumento que o sr. dr. Lago Cerqueira invocou na celebre reunião das comissões do P. R. P. convocada adrede pelo sr. dr. Antonio Rezende, actual governador civil do Porto para impor a candidatura do seu protegido, sr. dr. Alberto Cruz, contra a de meu irmão, já anteriormente proposta pelos republicanos de Baião, democraticos na quasi totalidade.

O sr. dr. Lago Cerqueira, deputado democratico por este circulo e vulto de consideravel influencia eleitoral pugnou até á ultima, n'essa reunião, pela candidatura de meu irmão, só cedendo no final, perante os instantes apelos do sr. governadsr civil á disciplina partidaria.

Assevera ainda o Directorio que "as comissões politicas não aceitaram a candidatura de meu irmão, por saberem que ele, se estivesse em Portugal, não a aceitaria e, se fosse eleito, não tomaria assento na camara„. Muito bem informadas andavam, pelo visto as comissões e o Directorio sobre as intenções de meu irmão!?...

Nunca ele, ao tratar-se da eleição suplementar fez taes afirmações e se as fez quando das eleições geraes é que tinha razões imperiosas para isso; e que essas afirmações se entendiam só com as eleições geraes, era a opinião de todos, mesmo do sr. dr. José Domingues dos Santos como do que acima deixo exposto se deduz.

Todas as creatnras de bem e que bem conhecem o pensar de meu irmão não teem a menor duvida de que ele seria capaz de renunciar ao seu logar na camara se bons e leaes republicanos, atendendo sómente ás suas qualidades de caracter e extremo defensor da Republica, o encarregassem de ali pugnar pelos sagrados interesses da Patria.

De mais se a sua eleição representasse, como realmente representava, uma homenagem de gratidão a quem tanto pela Republica se tem sacrificado, creio bem que não estaria no seu animo renunciar a essa honra, embora uma cadeira em S. Bento fosse para elé um sacrificio.

Dois dias após a conferencia eleitoral referida do sr. governador civil do Porto com os representantes das comissões politicas do circulo, escreveu-me S. Ex.a a carta que a seguir transcrevemos, obtida previamente a devida auctorisação:

"Repnblica Portugueza — Governo Civil do Porto — Gabinete do Governador Civil—19-XI-919——Meu ex.mo amigo: Realisou-se na segunda feira, como eu tinha dito a V. Ex.a, a reunião para a escolha do candidato a propor na eleição que no proximo domingo se realisa. Compareceram os representantes de todos os concelhos que compõem o circulo, e depois d'alguma discussão, todos os concelhos — com excepção do de Baião— escolheram para candidato o dr. Alberto Cruz.

Todos os representantes que falaram na reunião tiveram para com seu irmão as palavras da maior consideração e estima pelas belas qualidades que o distinguem e que fariam d'ele o candidato invencivel.. se fosse democratico.

O proprio dr. Cerqueira do Lago que, honrando o compromisso tomado, defendeu até á ultima a candidatura de seu irmão, concordou em que a minha atitude no assunto em discussão não podia ser diferente da que eu tomei.

Eu não tive outra intervenção que não fosse explicar a situação que criavam ao partido os que, tendo de optar por uma de duas indicações, escolhessem o candidato que não fosse correligionario.

Depois da votação tentei demover o dr. Costa do proposito de *malgré tout* votarem em Baião o nome d Armando Lança. Salientei-lhe bem quanto será desagradavel dizer-se que seu irmão foi vencido quando na realidade todos o estimam e todos desejariam votar n'ele se o podessem fazer sem ofensa aos principios partidarios.

Para mim é um grande desgosto este de não ser eleito um amigo para quem eu acho poucas todas as honras e todas as distinções, mas na minha situação oficial não pude proceder d'outra maneira.

Os dedicados amigos de seu irmão que arrostaram com tudo em defeza da candidatura dele, merecem a minha consideração pela prova de indefectivel estima que lhe deram; mas a presistencia na ideia de apresentarem o seu nome ao sufragio é que me parece de um exagero desmarcado. Emfim o que eu quero é, mais uma vez, dizer a V. Ex.a que a minha amisade e a minha consideração para seu irmão nada tem que ver com o procedimento que as circunstancias me obrigaram a ter.

Com a maior estima, sou

De V. Ex.a
C.o mt.o at.o vnd. am.o obgm.o
Antonio Rezende.„

Em face d'esta carta, suficientemente elucidativa, quem duvidará ainda de que a nota do Directorio do P. R. P. não exprime a verdade dos factos e de que a candidatura de meu irmão, foi pelo Directorio, pelas comissões politicas, pelo sr. Governador Civil do Porto e por outras altas entidades do partido sacrificada á do sr. dr. Alberto Cruz, unica e exclusivamente por ele não ser democratico?

Meu irmão não tem o menor desejo de ser deputado, posso afirmal-o e ele assim o tem declarado, mas isso não obstava a que o Partido Democratico apoiasse e sancionasse a homenagem que os republicanos de Baião, na sua quasi totalidade bons e dedicados democraticos, com larga folha de serviços partidarios, quizeram prestar-lhe propondo e votando o seu nome.

Não succedeu assim; embora:—mas ao menos não se busque alijar responsabilidades por processos que serão tudo, menos.. democraticos. As intrigas e os mesquinhos enredos que em torno d'essa decantada eleição se teceram com mão desastradamente inhabil não passarão em julgado sem serem devidamente desfiados.

Agradecendo a V. Ex.a a fineza d'esta publicação e pedindo desculpa do consideravel espaço que lhe roubei, confesso-me

De V. Ex.a
mt.o at.o vnd. e cr.o obg.m
Alberto de Castro Agatão Lança.

TABACO

Chegou pacotes, cigarros e charutos

Casa da Costeira—Souto Rafolla

AVEIRO